

Os Sertões: uma obra com características braudelianas?

Os Sertões: a work with Braudelian features?

Marcos Francisco da Silva*

RESUMO: Euclides da CUNHA escritor brasileiro e Fernand BRAUDEL historiador francês, apesar de nunca terem se conhecido, cada um em seu campo de reflexão (Literatura e História, respectivamente), produziram obras com similitudes no que se refere à abordagem temporal. Pretendemos analisar as semelhanças na produção desses dois autores no que se refere a forma de abordar a questão do tempo, sendo História e Literatura áreas do conhecimento humano, entre tantas reflexões contíguas, as ligadas à questão temporal ocupam espaço de destaque, pois sua singular abordagem como campo de transformações ou de permanências está relacionada ao enfoque que se pretende atribuir ao objeto de análise.

PALAVRAS-CHAVE: Temporalidade. Permanências. Literatura. História. Transformações.

ABSTRACT: Although the Brazilian writer Euclides da CUNHA and the French historian Fernand BRAUDEL never met, and worked in different fields (Literature and History respectively) there is a similar approach to time in their work. We intend to analyze similarities in the way that these authors approach time. History and Literature are fields of knowledge in which the issue of time stands out. The unique approach of these authors to time as a field for transformation or permanence is related to the focus that is given to the object of analysis.

KEYWORDS: Temporality; Permanence; Literature; History; Transformations.

1 Introdução

O título deste ensaio pode sugerir, do ponto de vista cronológico, uma grande incoerência se concebermos as transformações históricas numa concepção de espaço/tempo linear e descritiva, onde o olhar analítico e crítico tem uma limitada abrangência, porém, no campo da História Problema¹ a investigação ocorre de forma constante. Sob esta premissa, tentaremos comentar ao longo das linhas que seguem, o tema deste ensaio.

Em 1902, no Brasil, foi publicado pela primeira vez o magnífico livro “*Os Sertões*” de Euclides da Cunha, obra relevante na produção literária e historiográfica brasileira, e na França nascia Fernand Braudel, um dos grandes ícones da segunda geração da “*École des Annales*”, escola historiográfica que influenciou intensamente o pensamento das ciências sociais do século XX.

* Professor da Rede Municipal de Ensino de Fpolis; Formado em História-UDESC e Economia-UFSC; Especialização em História Social-UNIVALI; Mestrando em Educação e Cultura-UDESC. E-mail: linhas@udesc.br

¹ História-problema – termo usado muitas vezes por Lucien Febvre em oposição à idéia de história-descrição e nos anos de 1960 por Michel Foucault na sua interpretação genealógica da história.

Em 2002, nas comemorações destes dois centenários tivemos a oportunidade de assistir a uma palestra proferida pelo historiador e professor aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Américo Augusto da Costa Souto, no Centro de Ciências da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, em relação ao pensamento do mestre francês. Este Professor é uma das maiores autoridades sobre o pensamento de Fernand Braudel em Santa Catarina e, nesta palestra, pela primeira vez, ouvimos a idéia da relação entre a obra “*Os Sertões*” de Euclides da Cunha e o pensamento historiográfico de Fernand Braudel, na obra “*O Mediterrâneo*”.

Apesar destes dois intelectuais terem sido militares e, neste ofício, conhecido os horrores da guerra a olhos vivos, Canudos e II Guerra Mundial, respectivamente, e, no conjunto de suas obras tais impressões se fazerem presentes, este não será nosso enfoque, procuraremos abordar questões como temporalidade e geo-história, pois entendemos que estes assuntos são mais instigantes na atualidade e, de maneira mais enfática, tangenciam a produção de Euclides da Cunha e de Fernand Braudel.

Realizaremos a seguir uma análise comparativa entre a obra pré-modernista de Euclides da Cunha “*Os Sertões*” e a importante obra da produção intelectual de Braudel, “*O Mediterrâneo*”², sua primeira produção de grande fôlego e onde já apresenta as categorias analíticas que serão ao longo de toda a sua produção intelectual, cada vez mais detalhadas e continuamente trabalhadas. Para esta reflexão, faremos uso da história e da literatura, campos de conhecimento que possuem estreitas relações e que foi assunto singularmente tratado na tese de doutoramento de Nicolau Sevcenko³.

2 Fernand Braudel e as estruturas temporais

Fernand Braudel, no decorrer de sua produção intelectual, trabalhou três temporalidades com durações bastante distintas: estrutural, conjuntural e factual, no entanto, podemos observar a preponderância do olhar historiográfico de longa duração ou estrutural. Esta característica é singularmente trabalhada na sua obra máxima “*O Mediterrâneo*” (1949).

O tempo da estrutura desenvolvido por Braudel, é um período temporal amplo, podendo envolver vários séculos. Desta forma, o que prepondera é a permanência, pois as tênues mudanças são praticamente imperceptíveis, ou seja, aquilo que não muda é o elemento determinante. Como na afirmação de Braudel (1978, p. 13-14): “uma história quase imóvel, a do homem em suas relações

² La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II, Paris, Armand Colin, aumentada e revisada em 1979. – Na historiografia brasileira é mais usualmente tratada somente por “O mediterrâneo”.

³ Sevcenko, Nicolau. Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na primeira república. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

com o meio que o cerca; uma história lenta no seu transcorrer e a transformar-se, feita com frequência de retornos insistentes, de ciclos incessantemente recomeçados”.

Braudel, em sua produção intelectual, também reflete o tempo da conjuntura, sendo este um intervalo temporal menor que pode envolver décadas, quando muito, o período de um século. As transformações são lentas, mas já podem ser percebidas, ou seja, “uma história lentamente ritmada, [...] uma história social, a dos grupos e grupamentos [...] as economias e os Estados, as sociedades e as civilizações” (BRAUDEL, 1978, p. 13-14).

Por último, esse escritor analisa o tempo factual, ou seja, o momento do acontecimento, onde as transformações são rápidas e cotidianas. É o tempo das rupturas, das revoluções, como também enfatiza Braudel (1978, p. 13-14): “da história à dimensão não do homem, mas do indivíduo, a história ocorrencial”.

A concepção temporal que é fundamental na estrutura de pensamento Braudeliana, não deve ser pensada sob a ótica da quantidade de anos, décadas ou séculos, mas sob a perspectiva que se defronta por essência o pensar historiográfico, traduzido pelo paradoxo transformações/permanências, ou seja, o desafio do historiador em identificar, no processo histórico, aquilo que não muda, que por condicionantes históricos permanece; o que revoluciona ou muda, as transformações, que, de tão rápidas, como dizia Danton: devoram seus próprios filhos⁴ e ainda, aquilo que muda para que tudo permaneça como está.

Sob a concepção temporal, Braudel (1978, p. 14) sintetiza as idéias, dizendo: “Assim chegamos a uma decomposição da história em planos escalonados. Ou, se quisermos, à distinção no tempo da história, de um tempo geográfico, de um tempo social, de um tempo individual. Ou se preferirmos ainda, à decomposição do homem num cortejo de personagens”.

Na tentativa de compreendermos com maior profundidade e clareza a concepção temporal Braudeliana - estrutural, conjuntural e factual, utilizaremos como exemplo temático, referente à crise da modernidade, o iluminismo e as transformações do estado de bem-estar social com as políticas neoliberais pós décadas de 1960 e 1970.

Todo o conjunto da teoria iluminista que sedimentou a concepção de estado e o projeto de sociedade burguesa desde o século XVII, até os dias atuais, seria, portanto, a análise primeira de nossa reflexão, a longa duração ou tempo estrutural, uma vez que tal análise necessita um olhar de cima, de como tais valores⁵, pautados nas leis do mercado e da exploração da força de trabalho, construíram a sociedade burguesa.

O estado capitalista que se configurou por sobre as cinzas do estado feudal, vem passando por transformações freqüentes desde então, fruto da luta de classes, como por exemplo:

⁴ Danton: um dos líderes da revolução francesa (1789-1799), a quem é atribuído a frase “A revolução é como Saturno, devora seus próprios filhos”.

⁵ Liberdade, Igualdade e Fraternidade: lema da revolução francesa que sedimentou a sociedade burguesa.

imperialismo, regimes totalitários, estados intervencionistas ou keynesiano, estado mínimo, sendo cada uma dessas etapas objeto de análise do tempo conjuntural de média duração, por ser um período de tempo menor, mas circunscrito ao tempo estrutural.

Já o tempo do acontecimento ou factual, que também é o tempo das mudanças abruptas, muitas vezes revolucionárias ou contra revolucionárias como: Revolução Francesa, lançamento do Manifesto Comunista, Comuna de Paris, Consenso de Washington, Revolução Russa e outros tantos acontecimentos que marcaram esse período proposto como exemplo, só podem ser apreendidos em sua totalidade de significações, como nos ensina Braudel, se, previamente, temos a compreensão estrutural e conjuntural.

Temos, então, que, ao analisarmos a história na ótica Braudelianiana, o escalonamento do tempo é fundamental para entendermos as perspectivas do mestre Francês.

3 Euclides da Cunha mudanças e permanências

Euclides da Cunha, apesar de ter tido uma curta atividade literária entre 1902 e 1909, nestes sete anos escreveu: “*Os Sertões*” (1902), “*Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus*” (1906), “*Contrastes e Confrontos*” (1907), “*Peru versus Bolívia*” (1907) - que é um notável estudo sobre o litígio entre esses dois países-, “*Castro Alves e Seu Tempo*” (1907) - conferência proferida para os acadêmicos de direito de São Paulo-, “*Martim Garcia*” (1908) - em que trata de um problema fluvial nas fronteiras do Brasil e da Argentina - e “*À margem da História*” (1909).

Dentre as obras de Cunha, indiscutivelmente a sua máxima é “*Os Sertões*”, publicada coincidentemente no mesmo ano de nascimento de Braudel – 1902. Esta coincidência somada às observações do Prof. Américo Augusto da Costa Souto despertou-nos a curiosidade investigativa, pois, em uma leitura mais atenta, percebemos que existem similitudes utilizadas por Cunha na sua concepção de temporalidade e de perspectivas geográficas com a produção de Fernand Braudel no que refere-se à multiplicidade temporal.

A trilogia constituinte de “*Os Sertões*” se inicia com “*A Terra*”, onde o autor faz uma análise detalhista do espaço geográfico e físico. Espaço este que o autor tem clareza, pois expressa no transcorrer de sua obra, se construiu ao longo de quatro séculos de extrema exploração da região, portanto, em uma longa duração.

A idéia da extensa temporalidade permeia toda a primeira parte de “*Os Sertões*”, onde Euclides da Cunha defensor confesso da República e, portanto, muito influenciado pelo positivismo, denuncia que as profundas desigualdades de um Brasil colonial estão intactas no bravio

sertão nordestino. A análise do meio geográfico, embora tenha um enfoque bem mais naturalista da que Braudel faz em “*O Mediterrâneo*”, é também vista por Cunha na perspectiva estrutural.

Na seqüência da análise Euclidiana sobre a realidade do sertão nordestino, temos a segunda parte - “*O Homem*”, o autor trabalha, nesta altura de sua obra, a constituição física do sertanejo. “*O sertanejo é antes de tudo um forte*” como nos diz Cunha. Esta frase nos dá uma idéia do tempo conjuntural da construção do homem ao longo dos anos, das décadas, uma verdadeira análise sociológica desta sociedade, cujo dia-a-dia pauta-se em uma luta pela sobrevivência.

Abandonado por toda e qualquer ação do governo, o homem nordestino encontra somente na sua luta cotidiana e nas suas crenças as forças para sobreviver. Portanto, a compreensão da realidade das pessoas do sertão nordestino só pode ser feita na ótica Euclidiana se, previamente, tivermos clareza do meio físico em que elas estão inseridas.

Por fim, a terceira e última parte - “*A luta*”, o espaço do acontecimento como diria Braudel. Nesta parte, Cunha analisa o combate entre as forças da república contra os sertanejos famintos, muitos seguidores de Antônio Conselheiro, combate terrível que se travou no sertão nordestino no alvorecer da república e que resultou no extermínio completo do reduto de Canudos.

A composição, muito bem articulada, entre estas três partes ou “três temporalidades” distintas, mas que se complementam, constituem uma obra literária primorosa que ocupa local de destaque na literatura brasileira e vem ao longo deste século de existência, que completou em 2002, inspirando muitas outras obras sobre a realidade brasileira de cunho literário, teatral, cinematográfico, bem como pesquisas científicas⁶.

Como que antevendo a teoria que Braudel desenvolveria quase cinco décadas depois, Euclides da Cunha entende que, para que a preocupação factual do seu estudo, no caso, a denúncia sobre o massacre de Canudos, fosse devidamente compreendida por seus leitores, tal fato tinha que estar circunscrito ao tempo estrutural e conjuntural que ele denominou de – “*A terra e O homem*”.

A identidade próxima de construção temporal na análise da realidade feita por Euclides da Cunha, na sua obra, com o que o historiador francês teorizou e trabalhou singularmente em “*O Mediterrâneo*” e, em outras obras posteriores, é instigante e suscita-nos muitas indagações em âmbito literário e histórico.

Esta primeira análise feita sob o aspecto temporal, para ser devidamente compreendida, deve também estar submetida a um olhar temporal de longa duração, pois apesar da dinamicidade dos acontecimentos da primeira metade do século XX imprimirem entre 1902, o ano da publicação de “*Os Sertões*”, e 1949 ano da publicação de “*O Mediterrâneo*” de Braudel, um conjunto significativo de transformações no mundo, tais como: as duas grandes guerras mundiais, a

⁶ Para saber mais sobre as comemorações e publicações recentes referentes a obra de Euclides da Cunha ver: Revista: ISTOÉ, nº 1732 de Dezembro/2002.

revolução bolchevique na Rússia Czarista, os regimes ditatoriais do período entre guerras, a era nuclear, enfim, apesar de diversas transformações históricas separarem as duas obras, no que se refere à concepção de mundo e de ciência, ambas estão influenciadas em maior ou menor grau por uma concepção temporal, que não é fruto do acaso desses dois pensadores, mas de uma maneira de pensar o tempo cientificamente, que marcou as ciências sociais durante todo o século XIX, estendendo-se até as décadas de 70 e 80 do século XX.

4 O Mediterrâneo e Os Sertões

Desde o século XIX, que foi o berço de valores sociais, ciências e descobertas científicas, uma visão analítica de mundo baseada na longa duração, no olhar macro do processo histórico, se fez presente em todas as escolas teóricas, não só como forma de análise, mas, principalmente, como ideologia. Este século, como diz Eric Hobsbawm, foi uma época de revoluções que visavam afirmar a sociedade burguesa e seus valores, portanto, conhecer a sociedade cientificamente era condição imprescindível.

A teoria positivista que paulatinamente foi se constituindo como sustentáculo teórico da classe burguesa ascendente durante o século XIX teve como um dos principais expoentes - Augusto Comte. Essa teoria, ao debruçar-se sobre a história, trabalhou essencialmente com a longa duração. Para o positivismo, a humanidade, necessariamente, deve passar por três grandes períodos: a barbárie, a metafísica e a positiva.

[...] Comte chama de **lei dos três estados**, segundo o qual, numa sucessão necessária, o pensamento humano passaria por três momentos, três formas de conhecimento, sendo caracterizado, em cada estado, por aspectos diferentes, até atingir, no seu último momento, o estado positivo. Comte, embora expresse essa lei como absoluta, já que todas as áreas do conhecimento humano assim se desenvolveriam, não acredita que todas as áreas do conhecimento se desenvolvam concomitantemente e vê nessa lei uma regra da história do desenvolvimento da humanidade. (ANDERY, 2000, p. 377, grifo do autor)

Dessa maneira, temos que, um olhar que enxergue a humanidade em três longas fases, é um olhar que se pauta na longa duração, no olhar macro sobre a história.

No século XIX temos, também, o desenvolvimento da teoria marxista. Marx e Engels foram os pioneiros na concepção de intelectual militante e, quando se debruçaram sobre a compreensão da sociedade, desenvolveram a teoria do materialismo histórico, uma visão de mundo das permanências e das transformações históricas, sob a ótica dos modos de produção. Como o próprio Marx (1983, p. 52) expressa no Prefácio para a Crítica da Economia Política:

Na produção social de sua vida, os homens estabelecem determinadas relações necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase do desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade – a base real sobre a qual se ergue a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas forças de consciência social. O modo de produção da vida material determina o caráter geral do processo da vida social, política e espiritual.

Sob esta perspectiva, a história da humanidade seria determinada por modos de produção, os que se destacam no conjunto da teoria marxista são: Comunista Primitivo, Escravista, Feudal, Capitalista e Socialista. Pode-se perceber que a categoria analítica - modo de produção ocupa lugar de destaque na teoria marxista, é uma categoria permeada pela idéia de longa temporalidade. Nesta teoria, o olhar histórico da permanência, da longa duração se faz presente. Dessa forma, as idéias positivistas e marxistas, influenciaram as transformações que se seguiram na sociedade, ao longo dos séculos XIX e XX, bem como, o pensar acadêmico e militante.

Tais análises científicas e concepções de mundo foram abaladas somente nas décadas de 1960 e 1970, quando o olhar micro sobre a história começa a ganhar corpo, a chamada história do cotidiano, micro-história, relações micro de poder. Quando a pretensa ordem da Guerra Fria começa a sofrer os primeiros abalos, ou seja, quando o olhar sobre o fragmento passa a ser o objeto primeiro de análise científica⁷. Em lugar da continuidade e da história evolutiva, as ciências sociais hoje, também, se preocupam com as discontinuidades, séries parciais, a cultura, o corpo, o sexo, as festas, enfim, novos atores são buscados para a análise histórica.

As preocupações teóricas das últimas décadas, não são os objetos de análise tanto de Braudel como de Cunha, pois estes são pensadores cuja preocupação teórica se debruça sobre longos períodos temporais, uma visão de ciência que se gestou a partir do século XIX.

Euclides da Cunha e Fernand Braudel, pensadores que, em suas obras está refletida esta idéia de tempo longo, de grande duração e nada mais significativo desta concepção de tempo, do que a análise primeira do espaço, da geografia física da realidade a ser estudada. Este olhar estrutural permite que se compreenda o que não muda, o que está latente na sociedade e que possui forças marcantes nos aspectos físicos e no psicológico das pessoas, bem como, nas suas relações sociais estabelecidas cotidianamente, como diria Bourdieu no seu “*Habitus*” cotidiano⁸.

⁷ Michel Foucault é um dos pensadores pioneiros nesse novo olhar historiográfico. Sua obra *Vigiar e Punir* e a coletânea de textos organizada por Roberto Machado são leituras indispensáveis para se compreender a compreensão da história do cotidiano.

⁸ É importante salientarmos que apesar de vislumbrarmos em Braudel uma identidade muito grande com a análise temporal herdada do Séc. XIX, uma outra característica dessa época, que é a concepção teleológica de mundo, ou seja, a crença em um evolucionismo, não é compartilhada pelo autor Francês.

Braudel e Cunha, além de abordarem uma concepção de tempo semelhante, identificam-se, também, na idéia de trabalhar com uma seqüência escalonada dessa estrutura temporal que parte do geral para o específico. Podemos verificar que Braudel, em sua obra, utiliza os tempos sociais da estrutura, da conjuntura e do acontecimento e Cunha, da mesma forma, em sua obra, parte do mais geral ou estrutural - o meio físico, passa pelo tempo conjuntural - o homem, até o momento do acontecimento - a luta.

Tal concepção que é uma das formas “universalizantes” de conceber o tempo, também permeou os debates teóricos da academia e os movimentos sociais nos séculos XIX e XX, legando herança às obras em questão.

Somente a partir das mudanças operadas na sociedade a partir das décadas de 1960 e 1970 é que tomaram espaço, nas ciências sociais, uma forma de tratar o tempo muito próprio da literatura e do cinema, que é a abordagem circunstancial, da realidade empírica, onde se analisa prioritariamente o objeto e, por indução ou análises, se liga com os elementos macros que interagem nessa realidade. Portanto, a ordem de abordagem do tempo para se compreender a realidade também se configura como um forte elemento de identidade entre essas obras.

5 Considerações finais

Por fim, e não por uma questão hierárquica, pois as comparações que neste ensaio se estabelecem visam obedecer somente uma melhor compreensão, no que se refere à identidade da linha de pensamento desses autores gostaríamos de refletir na perspectiva da geo-história e na análise do meio físico, com os instrumentos da ciência geográfica. Processo este, feito sob uma ótica bem particular, que é o olhar geopolítico⁹.

Ao longo de toda a extensa obra de Braudel, a geografia sempre é evocada como condicionante de reflexão para a compreensão histórica. Fato mais evidente na obra “*O Mediterrâneo*”, mas que também tem local de destaque em *Civilisation Matérielle, Économie et Capitalisme* ou mesmo em *L’Identité de la France*¹⁰. O grande especialista no mundo mediterrâneo entre os séculos XVI e XVIII percebeu a importância do conhecimento do espaço para que se compreendesse o crescimento da sociedade européia, algo que torna fascinante o paralelo com Cunha.

O autor de “*Os Sertões*” em todo o seu desempenho intelectual para descrever as atrocidades republicanas contra os sertanejos de canudos, também analisa pioneiramente o espaço

⁹ É certo que pensar a geografia com um olhar histórico, ou melhor, inserido em um contexto de dominação política já tinha como fiel representante na Alemanha, Friedrich Ratzel – Determinismo este que encontrou acolhida nos mais diversos estados totalitários ao longo do século XX.

¹⁰ Obra inacabada, porém, o volume I intitula-se “Espaço e História”.

físico, pois a primeira parte de “*Os Sertões*” faz uma análise minuciosa da terra. Porém, a apreensão da realidade física feita por Cunha tem como um dos objetivos compreender o subdesenvolvimento da região¹¹, o que se completará nas duas etapas seguintes: O Homem e A Luta.

No entanto, há que se destacar o enfoque distinto concedido ao meio físico por Cunha no que se refere ao objeto de estudo, pois a análise feita por ele é detalhista no clima, vegetação, características topográficas, vias hidrográficas, com termos e reflexões que remetem a um conjunto de informações técnicas que, muitas vezes, só podem ser compreendidas por quem domina tal campo de informação.

Para Braudel, esse meio físico é analisado na perspectiva de suas relações com as possibilidades humanas. Dessa forma, as montanhas são analisadas no que isolam comunidades e impedem diásporas, as planícies, no que favorecem o surgimento de latifúndios e camponeses empobrecidos, os mares, como interferem na formação de povos navegadores e na construção de rotas de navegação.

Os dois autores trabalham momentos históricos diferentes e com perspectivas diversas, porém, são as transformações impostas pelo capitalismo em expansão por sobre regiões com outras relações de produção que levam às alterações das formas de exploração da realidade objetiva, nos remetendo, com isto, a muitas outras análises comparativas além das que aqui foram expostas.

¹¹ Apesar de defensor do positivismo e da República, Euclides, na sua obra *Os Sertões*, além da denúncia feita contra as ingerências do antigo governo (Monarquia) e do novo governo (República) para com os sertanejos, também não vê as condições impostas aos povos do sertão como algo fruto da natureza, mas sim, uma construção social que ele pretende denunciar em sua obra.

Referências

ANDERY, Maria Amália; PIE Abib et al. *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. 9. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 2000.

BRAUDEL, Fernand. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l' époque de Philippe II*. Paris: Armand Colin, 1979.

_____. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CHAGAS, Luiz. Odisséia Nacional: Festejos dos 100 anos do épico: Os Sertões são marcados pela edição de livros e DVDs, pela estréia de peças e pela abertura de exposições. *ISTOÉ*. São Paulo, n. 1732, p. 100-102, Dezembro: 2002.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

_____. *Os Sertões*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.